

QUAL

É O

SEU

LEGADO?

Sesc

MUSEU DA
PESSOA
30 ANOS

**QUAL É O
SEU LEGADO?**

30 ANOS DO MUSEU DA PESSOA

3 DE DEZEMBRO 2022 A 2 DE ABRIL 2023



Anna Maria Pupo (esq.) e
sua prima Gilda na olaria do
avô, em Guarulhos (SP), 1950.
Entrevistada em 2009

ESSA EXPOSIÇÃO É DEDICADA A SERGIO AJZENBERG

“

**NÃO TENHO NADA NA VIDA,
SÓ A VIDA.
SÓ TENHO A VIDA
E ESSA VELHA.
E O FILHO, SOMENTE.
E TÔ FELIZ.
SEM LUTAR NINGUÉM VÉVI!**

Apolônio Leite da Silva,
vendedor ambulante,
entrevistado em 2012

“

Eu acredito que isso vai virar um livro. Eu quero que vire uma história. Eu quero que fique o que fiz, entendeu?

Manoel Bezerra de Vasconcelos,
atleta e taxista, entrevistado em 2011

“

Eu gosto de contar minha história. É como se eu estivesse me vingando do meu passado. é como se eu olhasse o passado e dissesse: se fodeu né?

Sergio Vaz,
poeta, escritor e agitador cultural,
entrevistado em 2015

“

Fiquei pensando o que eu tinha de especial para contar para essa gente de quem mereço que perca esse tempo me ouvindo contar uma história.

Maria José Reis dos Anjos Moniz Soares,
publicitária, entrevistada em 2011

“

Então, qual é a narrativa que é sua? Da sua própria vida? E o único jeito de saber isso é sentando aqui na sua frente e falando.

Jasmin Pinho,
documentarista, produtora e curadora, entrevistada em 2019

“

Eu quero significar profundamente cada segundo da minha vida, cada momento, cada instante... alguma coisa quero deixar.

Luiz Alberto Mendes,
escritor, entrevistado em 2007

“

Eu agradeço muito aos meus ancestrais que cuidam de mim, que ainda bem que me guiaram para que um dia eu pudesse retomar o que foi escondido.

Sioduhi Piratapuya,
estilista, entrevistado em 2021

Legado

s.f. [le - ga - do]

Legado vem do latim lat. *legātum, ī* 'donativo deixado em testamento', e também possui o sentido de *legāre*, 'delegar, encarregar, enviar em embaixada'.

**TODO SER HUMANO BUSCA UM SENTIDO PARA A VIDA.
ESTE SENTIDO É NOSSO LEGADO.**

“

Imagine você chegar na sua vida aos 44 anos: agora eu posso existir. Para quem você oferece um resto de vida?

Neon Cunha,
publicitária e ativista,
entrevistada em 2020

“

**MEU SONHO DE ALGUMA MANEIRA É
CONSEGUIR DEIXAR UMA SEMENTE.**

Anna Maria Zammataro de Aguiar Pupo,
professora, entrevistada em 2009

“

Tudo que passei na minha vida foi com um olhar. Agora esse olhar é diferente. É o olhar de quem reaprendeu a ver a vida pela ideia da morte.

Gilberto Dimenstein,
jornalista, entrevistado em 2020

“

Puxa vida, tudo isso feito por uma pessoa? Com o parco dinheiro que tem do seu trabalho? Puxa vida! Eu acho que tiro o chapéu para mim mesmo.

Emanoel Araújo,
artista plástico e fundador do
Museu Afro Brasil, entrevistado
em 2020

“

**NÃO MORREMOS IGUAIS POR
CAUSA DA NOSSA MEMÓRIA.**

Ailton Krenak,
ativista, escritor e pensador,
entrevistado em 2007



Vera Maia retocando a maquiagem para uma apresentação, s.d.
Entrevistada em 2007

DEMOCRATIZAR A MEMÓRIA

O fato de vivermos em sociedades multiculturais e a assimetria nas relações de poder entre os diversos modos de existência provocam reflexões fundamentais sobre as vozes historicamente silenciadas e as estratégias para a superação das desigualdades.

Embora todo indivíduo ou grupo detenha saberes específicos e transmita legados culturais próprios, a definição daquilo que se torna o patrimônio nacional a ser preservado – no intuito de representar tradições de um país e construir certa ideia de nação – é marcada por disputas e reflete disparidades relacionadas às posições ocupadas socialmente.

Museus e demais instituições dedicadas a recolher, conservar, estudar e difundir produções culturais de natureza material ou imaterial resultam de projetos políticos e poéticos que podem, a partir de pontos de vista e recortes determinados, cumprir importante papel de intervenção nessa realidade. Se tensões entre passado e presente, entre lembrança e esquecimento, têm lugar nos acervos, a busca por situar cada pessoa como agente de sua história é uma forma de construir memórias inclusivas. Nesse sentido, o acolhimento de diferentes trajetórias de vida e a garantia do lugar da alteridade contribuem para a transformação social.

Parceiro do Sesc desde os primórdios de sua atuação, o Museu da Pessoa tem como missão tornar a história de toda e qualquer pessoa patrimônio da humanidade. Ao realizar a exposição **Qual é o seu legado? – 30 Anos do Museu da Pessoa no Brasil**, o Sesc estimula o debate sobre as possibilidades e as funções dos museus na contemporaneidade e propõe uma imersão em depoimentos e acervos pessoais e familiares, explorando identidades e subjetividades. Trata-se de uma oportunidade de construir, junto com o público, um olhar mais profundo sobre o nosso legado e o legado dos outros, desnaturalizando e complexificando simbologias e culturas nacionais.

Danilo Santos de Miranda
Diretor do Sesc São Paulo



DANILO SANTOS DE MIRANDA

é sociólogo e Diretor do Sesc São Paulo desde 1984. Foi entrevistado pelo Museu da Pessoa em 2017

Nasci na Rua do Rosário, em Campos, no estado do Rio de Janeiro, em 24 de abril de 1943. Meu pai, Afonso Celso de Miranda, era dentista, e minha mãe, farmacêutica. Campos tinha vários [jornais] diários nesse período; em um deles, *Folha do Povo*, meu pai era redator responsável. A família era muito envolvida em tudo na cidade, na vida religiosa, cultural, social, escolar. Em janeiro de 1955, [fui] para o seminário no Colégio Anchieta, dos jesuítas, em Nova Friburgo. O seminário me abriu uma cortina que estava fechada.

No colégio você tinha hora para ir à missa de manhã, tinha a hora do café, hora para classe de estudos, almoçar, voltar para o estudo, hora do recreio, estudar de novo, jantava, estudava mais um pouco e se preparava para dormir. E rezava o tempo todo. A partir dos 11 anos de idade, minha vida passou a ser dependente do coletivo: comecei a construir um jeito de viver próprio, de disciplina e organização, que vai me ajudar a vida toda. Botei batina, virei noviço. Ali são dois anos de reflexão: você faz exercícios espirituais, passa um mês em silêncio, vai trabalhar em hospital, fazer peregrinação, trabalhar como operário. Em março de 1964, eu estou em exercício espiritual. Não ouço notícia, não ouço nada, zero. Ali pelo dia 2 de abril, alguém me fala: "Aconteceu uma revolução". "Revolução? Quem está à frente disso?" "O Adhemar de Barros com um general de São Paulo, o Magalhães Pinto em Minas e o Carlos Lacerda, no Rio." Aí eu falei: "Isso não é revolução. Isso é a contrarrevolução". [Em 1967] não tive interesse em continuar porque percebi que podia fazer uma ação mais abrangente do ponto de vista profissional, político e cultural fora [da igreja]. Eu sentia falta de uma vida mais aberta, mais completa, mais participante, mais envolvida.



Alice, irmã de Meirice, em baile de gala do Esplanada Hotel, em 1966. Acervo de Meirice de Oliveira, entrevistada em 2001

QUAL É O SEU LEGADO?

Qual é o seu legado? é a pergunta que o Museu da Pessoa traz à tona ao completar 30 anos. Esta questão pode ser estendida a cada pessoa e à sociedade brasileira. Os legados não são necessariamente materiais, podem ser compreendidos como valores, ações, sonhos, realizações cotidianas, traços que vamos riscando ao longo de nossas vidas.

Uma sociedade se constrói a partir daquilo que reconhece como valor e daquilo que busca preservar e transmitir às futuras gerações. Ao discutir os legados históricos e culturais, buscamos reconhecer formas de pensar, viver e existir que, ao longo dos séculos, foram desconsideradas pelas narrativas predominantes. Por isso esta exposição ilumina as vidas indígenas e as vidas negras. O que essas vidas e culturas reconhecem como sendo seu legado? Buscamos trazer este mesmo olhar para a vida cotidiana. O que, nas casas, nos modos de vestir, nos ritos, nos modos de existir, faz parte dos legados criados e recriados a cada geração de brasileiros e brasileiras?

O Museu da Pessoa busca, há 30 anos, reconhecer o valor – humano, histórico e social – de cada pessoa. Considera que cada pessoa é singular e carrega, em si, um legado. Seus sonhos, seus amores, suas ações, suas lutas, suas culturas constituem um legado único e, ao mesmo tempo, coletivo. Busca conectar as histórias para promover escutas que levem à compreensão do outro, de si e do papel de cada pessoa para a construção de um legado comum.

Não estamos falando aqui de legados estabelecidos, mas, sim, daqueles que se perpetuam, às vezes inconscientemente, pelas vidas, e também daqueles que gostaríamos que fossem sonhados como formas de constituição de uma reinvenção social.

Agradeço a Danilo Santos de Miranda, por acreditar e apoiar o Museu da Pessoa há 30 anos, às equipes do SESC-SP e do Museu da Pessoa e a todos aqueles e aquelas que contribuíram para a causa.

Karen Worcman

Fundadora e Curadora do Museu da Pessoa

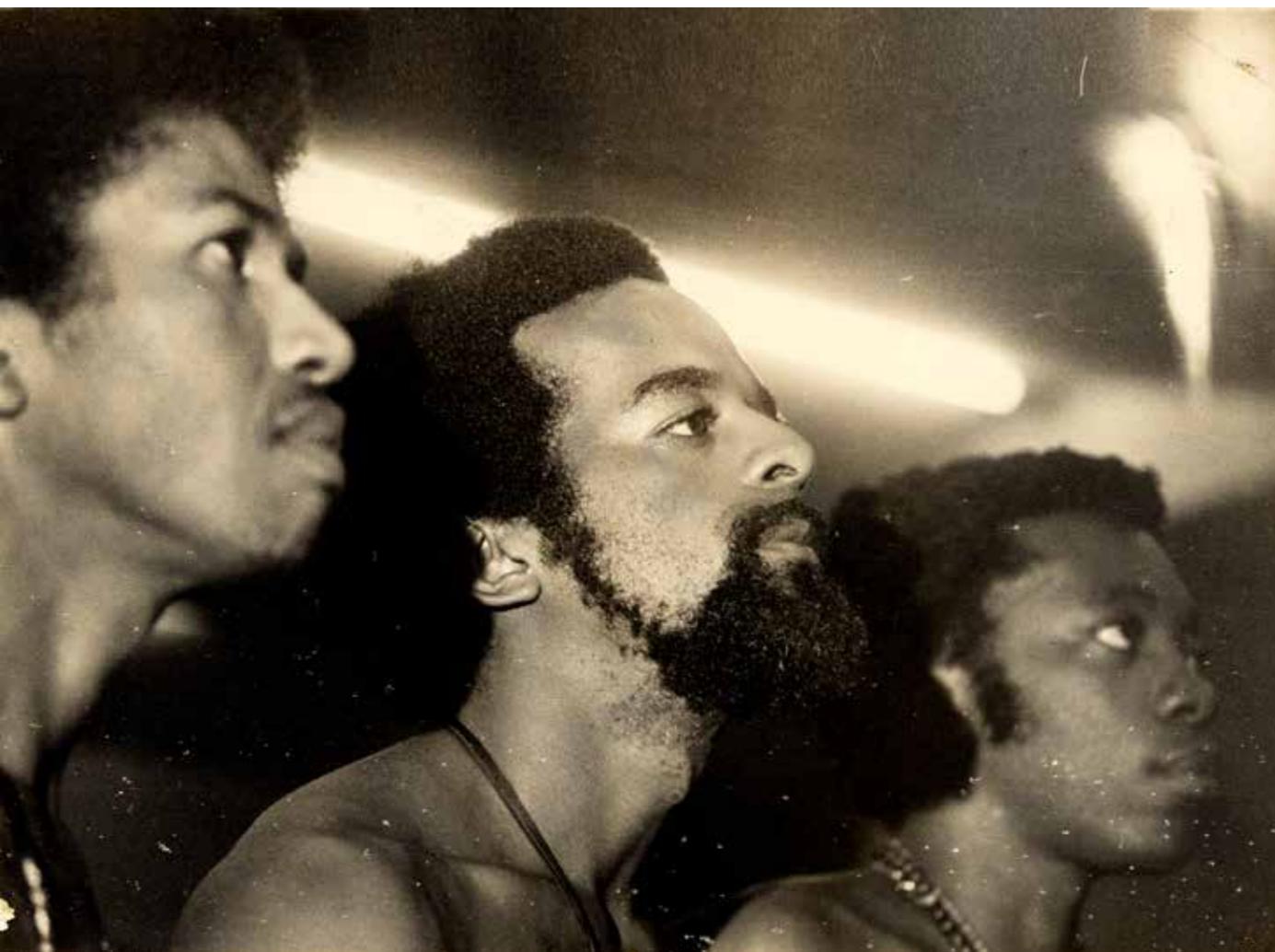


KAREN WORCMAN

é historiadora, fundadora
e curadora do Museu da Pessoa

Eu chamo plote humano essa humanidade plena que eu vejo por vezes na entrevista. Eu descobri uma grande riqueza na história de vida: ela muda seu conceito da história, da cidade, da resiliência: ela muda você. Isso para mim foi definitivo. Às vezes me emociono, às vezes acho intelectualmente muito interessante, às vezes percebo a força pulsante da vida por trás disso. É um jeito de perceber a vida, a vida pura. Eu tenho isso também com a natureza, com a água mais especificamente. Eu sou do Rio, cresci no mar, mas a cachoeira ainda é mais forte para mim. A água é um lugar onde eu entro e sempre saio outra.

Uma boa entrevista é uma grande benção, é uma reza, é um momento de plenitude. Trabalhar editando, às vezes, também [suscita] grandes momentos de plenitude. Projetos que se concretizam, impactos que eu percebo, ideias que viram realidades, eu não sei o número de alegrias, de riscos. É uma grande aventura. Eu sempre disse que tem uma roupa para você vestir na vida. Tem gente que não acha a roupa, tem gente que troca de roupa. Mas, quando comecei a fazer o Museu da Pessoa, eu falei: “Essa roupa é minha”. Eu tinha tido tanta crise antes, eu quis ser tanta coisa, não sabia a que eu tinha vindo, e foi muito bom [ter] essa certeza. Essa é a minha roupa. Eu ainda tenho grandes sonhos para o Museu da Pessoa, adoraria ver esse método acontecendo no mundo, ainda tenho essa coisa missionária. Talvez [seja] esse o grande legado do Museu. A plataforma é uma necessidade, é uma casa; o acervo é um legado brasileiro que a gente vai construindo; mas acho que o [principal] legado é esse método.



Robertinho da Silva, Naná Vasconcelos e Milton Nascimento, reunidos nos estúdios da Odeon no Rio de Janeiro, s.d. Acervo de Robertinho da Silva, entrevistado em 2004

VIDAS NEGRAS, VIDAS PRETAS, VIDAS

Vidas negras que carregam memórias dos afetos recebidos, dos espaços desejados e construídos. Depoimentos e imagens de pessoas pretas do acervo do Museu da Pessoa que remetem ao colo, à casa e ao quilombo. Vidas negras que desconstroem os imaginários de existências negras miseráveis, ausentes, precárias, perdedoras, abandonadas. Entre luta e festa, dor e amor, lágrimas e sorrisos, vidas reunidas e povoadas por palavras.

Colo-palavra-amor

Lembranças de famílias negras que trabalharam muito e encontraram tempo e jeitos para se amar e dar colo. A família está presente nas cantigas de trabalho que ninam e ensinam, nos afazeres do pai, na espera da mãe, nas conversas. O colo-palavra acolhe, oferece intimidade, cuidados, troca de olhares.

Casa-palavra-proteção

Casas construídas de puxadinhos e mutirões são habitadas por histórias contadas, cantadas e escritas. Na casa-palavra há abrigo, dor, benzimento, cura, alimento, espera, despedida, encontro, colo. Vem da casa o legado de lembrar e de esquecer. Histórias são repartidas, repetidas entre quem chegou antes e quem veio depois. Na casa-palavra se escreve para viver e se publica para interromper os apagamentos.

Quilombo-palavra-luta

No sonho de um, os sonhos de muitos. Na história de uma, as histórias de outras. A reivindicação do direito de mudar a rota do destino. Costura de estratégias de sobrevivência coletiva. Criação do inimaginado. Do colo à casa, da casa ao quilombo há imagens e depoimentos que humanizam, que geram utopias.

Bel Santos Mayer

Curadora de *Vidas Negras*



BEL SANTOS MAYER

é educadora social, coordenadora do Ibeac e cogestora da Rede LiteraSampa. Foi entrevistada pelo Museu da Pessoa em 2020

Eu sempre gostei muito de história das pessoas. Eu nasci em 1967, num período em que as crianças nem comiam junto com os adultos. Primeiro comiam as crianças, num espaço separado, e os adultos comiam no espaço deles. Porque não [era] para ouvir história de adulto. A vida é isso, é esse jogo. Até eu conseguir ser aceita em qualquer lugar com os meus cabelos, eu precisei construir um lugar em que a minha fala fosse respeitada e eu vou do jeito que eu sou. Quem me encontra, seja para falar de violência, de educação, de biblioteca, do que for, sabe que está encontrando uma mulher negra que conhece a sua história e faz questão de estar ali como mulher negra.

Eu estou analisando como uma biblioteca pode promover mobilidades, concretas e simbólicas, na vida das pessoas. Pela literatura, os jovens – não só pelo que eles leram, mas por tudo que a literatura trouxe para a vida deles – mudaram de lugar. Eles construíram, com seus corpos, uma nova geografia nesta cidade. O caminho de Parelheiros para a Biblioteca Mário de Andrade não é o mesmo que era há dez anos, por conta dos movimentos que as festas literárias têm feito. Quando criamos a Biblioteca Caminhos da Leitura como biblioteca literária, algumas pessoas diziam: “Mas em Parelheiros falta tanta coisa! Por que vocês não criam um curso profissionalizante?”. E a minha resposta foi que eu não estava lá para ajudar os meninos a ter uma profissão para encontrarem um lugar no mundo. Eu estava lá para conseguir, com os meninos, o caminho que eles quisessem para mudar o mundo. A literatura faz isso, ela é transformadora. Ela leva a gente para um caminho que a gente não imagina.



Nilton (à esquerda, com um bebê ao colo) com a família e amigos da vizinhança, em 1996. Acervo de Nilton Castro, entrevistado em 2016



Crianças da etnia Xerente fotografadas durante projeto do Museu da Pessoa realizado na Aldeia Rio do Sono (TO), em 1997

LEGADO

É numa compreensão cosmológica que os povos indígenas mantêm sua ancestralidade atualizada.

O legado de cada povo está imortalizado em suas histórias, que acolhem, explicam e justificam crenças, modo de vida, conquistas e tudo o que lhes é necessário para ser e estar no mundo.

O Brasil é o país com a maior diversidade de povos indígenas no mundo, passando de 305 ainda existentes, falando mais de 274 línguas.

Não haveria Brasil sem o legado sanguíneo, medicinal e alimentício dos primeiros habitantes desta terra.

Mesmo nesta condição e amparados pela Constituição Brasileira, os povos indígenas vivem sob constantes ataques, seja contra a vida, seja nos seus territórios.

O povo brasileiro nunca aceitou o nosso legado ou deu ouvido às nossas vozes. É recorrente a indiferença, a violência, o descaso, a negação do sagrado direito de pertencer à única humanidade conhecida.

É na insistência do resistir que dançamos e cantamos, para manter o céu suspenso. É no cuidar da mãe terra que existimos, e toda a diversidade de vida.

Marcamos o tempo com as nossas cores, pisadas, falas, cantos, tambores, lágrimas, alegrias e o nosso sangue derramado na sagrada mãe terra por esta nação que não se move, nem se comove, ao ver toda violência causada à terra, aos seres que nela habitam, e as mortes dos povos indígenas.

O maior legado dos povos indígenas é proteger, com as próprias vidas, o nosso único lugar habitável, o nosso planeta.

Nós os convidamos para este desafio de humanidade, respeito e empatia, empatia e respeito, destas vozes que gritam pelo direito de marcar no tempo o seu legado de existência e clamam por uma humanidade igualitária e um planeta mais bem cuidado.

Cristino Wapichana
Curador de *Vidas Indígenas*



CRISTINO WAPICHANA

é escritor e músico premiado, compositor e cineasta. Foi entrevistado pelo Museu da Pessoa em 2019

Minha avó é Wapichana e meu avô Karapiá, que também sai de uma linhagem Wapichana. Minha avó morreu aos 105 anos, em 2015. Meu avô não sei quando ele nasceu, também não lembro quando ele morreu, mas tem bastante tempo que morreu. Nasceram no Araçá da Serra, na região do Cotingo, hoje Reserva Raposa Serra do Sol, onde a maior parte dos meus parentes ainda mora.

Eu tinha muito medo de enfrentar o escuro. Morei em região de matas e de campos. Mas o escuro, à noite... os sons da noite são terríveis. Um bicho desse tamanho faz um som que parece uma coisa gigantesca. E, quando se ouve um determinado som, que você fica em alerta, os velhos percebem: ele vai te explicar o que é e, quando explica, ele conta uma história daquela situação. O que chamam de rasga-mortalha, que tem aquele canto esquisito, está trazendo um som de morte próxima. O bacurau também tem um som meio chato nesse sentido, de que tem alguma energia ruim próxima. Então você tem que ter alguns cuidados. Essas coisas espirituais são afastadas com o casco do jabuti, [que] se queima à noite. Se você está ouvindo muita coisa fora, que parece ser espírito, especialmente Canaimé, tem que usar o casco do jabuti. Eles se afastam. Você usa pimenta malagueta, ele se afasta. O que te fortalece é o que vai expelir aquilo de ruim que está perto. Os mundos andam muito próximos. E o cuidado é necessário. É isso que eu comecei a escrever, minha primeira história que nunca terminei. Eu pretendo ainda fazer um filme disso. Vou terminar um dia de escrever essa história. A história tem sua origem, tem seu lugar, sua força, tem a sua magia – e é isso que move a gente.



Crianças jogando bola na Comunidade Padaria, em Laranjal do Jari (AP). O Museu da Pessoa esteve na região em 2013



Greves no ABC Paulista. Acervo de Rosane de Lourdes Silva Vianna, entrevistada em 2020

1 Temba é um dos nomes para diabo na obra de Guimarães Rosa.

2 Azarape é outro dos nomes que o autor usa.

O INSTANTE: A PALAVRA

Um legado não é apenas o que alguém deixa – um gesto, uma coisa, um objeto, um broche, um nada-além – para outro alguém. A morte poderá ser o maior de todos os legados: doa para quem fica os rastros de uma existência. O tempo é a sofisticação de um legado, real, abstrato, único, nada palpável, superior.

A fotografia guarda, em sua simbologia, o legado do que está por dentro da mancha fotográfica. Mas a fotografia já não basta, porque o legado que foi dado à fotografia se modificou, trocou o chip, tornou-se uma imagem que agoniza, nesses tempos de cólera, onde bilhões de imagens, segundo por segundo, penam para dizer alguma coisa.

A pandemia é o nosso penúltimo legado universal. A guerra entre a Rússia e a Ucrânia é o legado que um Temba¹ deixará para a humanidade. Durante quatro anos de lodo, outro Azarape² que vive entre nós borrou com o sangue da estupidez, do ódio e da ignorância a bandeira nacional. No mundo contemporâneo, cabe de um tudo. A sobrevivência no meio do caos será o próximo legado: deixará para a história a história contada por cada um de nós.

O corpo é um legado. A Grécia é um legado. A Muribeca também. O medo também é um legado. Um corpo diante de um olho de vidro (a câmera) será sempre uma troca de legados. A mentira é um legado. Uma verdade poderá padecer para sempre com a perversidade de uma mentira. É como uma palavra. O legado da palavra é o instante.

Uma exposição de fotografias é um legado que vai povoar os olhos de quem “enxerga”. A diferença entre “ver” e “enxergar” é um abismo. Por dentro de cada uma dessas imagens existe a palavra, o suspiro da palavra, vidas que se completam diante de um único espelho: gravadas nos arquivos do Museu da Pessoa refletem, nesse mesmo espelho, as histórias de outros que somos cada um de nós. Ou isso, ou nada.

Diógenes Moura

Curador de *Retratos do Brasil*



DIÓGENES MOURA

é escritor, curador de fotografias e editor. Foi entrevistado pelo Museu da Pessoa em 2017

Nasci no dia 1º de janeiro de 1957, na Rua do Lima, em Recife, a mesma rua onde o poeta Castro Alves viveu com o grande amor da sua vida, a atriz portuguesa Eugênia Câmara. Meu avô, Cesário Rodrigues Pereira Serra, um imigrante português, alugara uma casa naquele local antes das filhas casarem e onde essas filhas, minha mãe, Gilda, uma delas, costumavam pescar siri às margens do Rio Capibaribe, à noite. Era uma casa imensa, onde moravam todos juntos, entre os quais a minha mãe e o meu pai, João Moura dos Santos. Por um erro médico, e já vivendo em Salvador com a família, meu pai ficou cego, aos 60 anos. Ele morreu em 2014, aos 94 anos. Quando eu ia visitá-lo em sua casa, no bairro do Garcia, ele costumava me pedir para dar voltas no quarteirão e descrever o que estava acontecendo do lado de fora. Ele não foi um homem cego que enfrentou o mundo, tinha medo do que não via, se fechou dentro de casa. Quando eu traduzia as imagens para ele captar, sempre parecia que ele via melhor do que eu. Eu lhe contava como era a vida cotidiana na rua, dizia sobre as paredes da casa, de como estava o sol, qual a árvore mais próxima, como estava o cachorrinho da minha irmã, como eram os cabelos da minha mãe.

Eu tenho um prazer enorme em escrever. Penso que sempre escrevo reescrevendo os mesmos livros. Com exceção de um, *Elásticos chineses: poemas físicos*, porque nesse livro existem vários poemas dedicados à minha mãe, cada vez que eu me despedia dela em Salvador para voltar a São Paulo. Em uma ocasião, antes dela morrer, tivemos uma conversa e lhe perguntei se faria tudo de novo. Ela me respondeu: "De jeito nenhum. Eu não tive chance: só conheci um homem e um pau, o de seu pai. Vocês são a minha vida, mas não faria nada disso novamente. Eu gostaria mesmo era de ser uma borboleta, para viver pelo mundo afora". Eu pensei: "Isso é tudo o que eu gostaria de ouvir de minha mãe, que não teve chance de mudar o seu destino e, mesmo com um câncer na coluna e sabendo que vai morrer em breve, diz que gostaria de ser uma borboleta e viver pelo mundo afora". As mães não morrem jamais. São umas demônias. Apenas desaparecem do nosso campo visual. Os meus mortos, muitos deles estão vivos.



Retrato pintado
à mão dos pais de
Maria das Graças,
entrevistada em 2020

O MUSEU DA PESSOA

Fundado em 1991, o Museu da Pessoa é um espaço dedicado a legitimar narrativas de vida. Sua atuação constante é a de convidar pessoas a integrarem seu acervo por meio de suas histórias ou das histórias que registram de suas famílias, comunidades e instituições. Dedicar-se também a realizar ações com o objetivo de tornar as histórias de vida parte do cotidiano da sociedade. Desde sua fundação, seu espaço deixou de ter qualquer correlação com a ideia de ser um lugar físico ou corresponder a um território. O espaço do Museu da Pessoa é, antes de tudo, um espaço dedicado a transformar as histórias de toda e qualquer pessoa em peças de museu e em patrimônio da humanidade. Ao retirar da sombra a pessoa, o Museu ilumina e valoriza cada um em sua singularidade.

Ao longo de sua trajetória o Museu da Pessoa realizou cerca de 300 projetos de memória, que resultaram em mais de 104 exposições físicas e virtuais, 109 publicações com edições de histórias de vida e 8 publicações sobre metodologia. Possui um acervo de cerca de 18 mil histórias de vida, 60 mil fotos e documentos digitalizados. Atua por meio de projetos e suas plataformas virtuais, que alcançaram, nos últimos três anos, um público estimado em 2 milhões de pessoas.

Acreditando no poder que uma entrevista de história de vida possui para transformar a relação entre pessoas e grupos sociais diversos, o Museu da Pessoa sistematizou suas práticas para transformá-las em uma Tecnologia Social de Memória para democratizar a memória e garantir o direito que toda pessoa ou grupo tem de criar, preservar, disseminar e legitimar suas memórias como parte das narrativas históricas da sociedade.

Este conceito é o que permite que um museu possa se transformar em muitos museus, tantos quantos se fizerem necessários para que a memória seja fonte de uma jornada de conhecimento e de consciência para toda a humanidade.



Isabel (esposa do entrevistado Raimundo Castro). Almeirim (PA), 2013

O QUE É O MUSEU DA PESSOA?

É UM
MUSEU VIRTUAL

E
COLABORATIVO DE HISTÓRIAS DE VIDA

O QUE É UM MUSEU VIRTUAL?

É um museu que guarda, preserva, compartilha conteúdos e promove a participação sem precisar de um espaço físico.

Participação

O Museu da Pessoa transforma a relação do público com o seu patrimônio ao possibilitar que qualquer visitante possa se tornar, ao mesmo tempo, acervo e curador.

Conteúdos

Histórias, fotos e documentos digitais.

HISTÓRIAS DE VIDA?

Toda pessoa transforma suas memórias em narrativas que dão sentido à sua vida.

Pessoa

No Museu da Pessoa, é quem constrói uma narrativa de vida.

Memória

Toda memória é seletiva. Cada pessoa registra, guarda e evoca apenas aquilo que tem significado.

Sentido

O sentido que cada pessoa dá ao que vive é o seu legado.

Narrativa

Toda narrativa de memória é uma tradução da experiência vivida e preservada na memória.

O QUE É UM MUSEU?

“Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade, que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Os museus, abertos ao público, acessíveis e inclusivos, fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Os museus funcionam e comunicam ética e profissionalmente. Com a participação das comunidades, proporcionam experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimento” (Conselho Internacional de Museus).

O Museu da Pessoa reúne, guarda e transforma histórias de vida em patrimônio.

Histórias como patrimônio

Patrimônios comuns da humanidade, que revelam um lugar no qual os seres humanos se encontram em relações de igualdade.

Patrimônio

Composto por monumentos, grupos de edifícios ou sítios que tenham valor universal excepcional (Unesco). Podem ser divididos entre materiais e imateriais.

COLABORATIVO?

Toda pessoa pode ser visitante, acervo e curadora.

Visitante

Público que visita e conhece os produtos do Museu da Pessoa.

Acervo

A pessoa, por meio da narrativa que constrói, se torna parte do acervo do Museu da Pessoa.

Curador

Toda pessoa pode selecionar, organizar e criar coleções e exposições com as histórias do acervo do Museu da Pessoa.



Pedro Américo
O grito do Ipiranga, 1888
Óleo sobre tela, 415 x 760cm (reprodução)
Acervo do Museu Paulista da USP (Museu do Ipiranga), São Paulo

A noção de que as histórias de vida de pessoas comuns podem ser parte da História não é algo que existe desde sempre. Durante muitos séculos, o estudo da História foi baseado apenas na trajetória dos grandes líderes e em marcos políticos e econômicos.

1991-1996 DA HISTÓRIA ORAL AO MUSEU VIRTUAL

Em 1991, o Brasil estava em meio ao processo de *impeachment* do primeiro presidente eleito após mais de duas décadas de ditadura. É nesse ano que surge o Museu da Pessoa, um dos primeiros museus virtuais e colaborativos do mundo, dedicado ao registro, preservação e disseminação de histórias de vida.



Até os anos 90 do século XX, a televisão era uma das principais ferramentas de lazer e comunicação no país.

1997-2001 DO MUSEU VIRTUAL AO CONTE SUA HISTÓRIA

A popularização da internet transformou as formas de participação das pessoas na sociedade. O público deixava de ser apenas receptor de conteúdos de rádio, jornais, cinema e TV e se tornava, pouco a pouco, produtor de conteúdos próprios.



Severino dos Santos, entrevistado em 1994, mostra-se na tela durante o lançamento do primeiro site do Museu da Pessoa, em 1997



Primeira cabine (Museu que Anda) instalada no Metrô Sé, durante a exposição "São Paulo nos Trilhos do Tempo", em 2000

Por que o público precisa ir até um museu e o museu não vai aonde as pessoas estão? Com essa pergunta, o Museu da Pessoa cria o programa Conte Sua História e abre diversos canais para ampliar as possibilidades de participação do público: Museu Aberto, Museu que Anda (cabines itinerantes para registro de histórias em vídeo) e canal para receber histórias por sua plataforma digital.

2001-2008 DO CONTE SUA HISTÓRIA ÀS REDES DE MEMÓRIA

O novo milênio emergiu com a revolução digital e transformou conceitos como os de conexão, territórios, indivíduos, autorias, verdade e conhecimento. No Brasil, as políticas culturais durante a gestão de Gilberto Gil à frente do Ministério da Cultura reconheceram o valor das iniciativas culturais diversas em todo o país. Nasceram as redes de cultura e de memória.



Círculo de histórias na Índia, realizado no Dia Internacional de Histórias de Vida. Tamil Nadu, 2008

O Dia Internacional de Histórias de Vida (16 de maio) foi um movimento liderado pelo Museu da Pessoa em parceria com o Storycenter. As edições de 2008 e 2009 envolveram mais de 200 organizações em 30 países.

O movimento Brasil Memória em Rede organizou-se em 9 polos regionais de memória, em todas as regiões do Brasil, e marcou o início do Pontão de Memória Museu da Pessoa.

O Museu da Pessoa sistematiza suas metodologias e passa a atuar em rede para ampliar as possibilidades de colaboração. Atua em escolas públicas, conecta núcleos internacionais do Museu da Pessoa e constitui redes de memória de jovens (Um milhão de Histórias de Vida de Jovens) e de grupos diversos em todo o país (Brasil Memória em Rede).



"Exposição do Redescobrimto", que itinerou pelos polos regionais do Brasil Memória em Rede, 2008

2009-2016 DAS REDES DE MEMÓRIA À CURADORIA COLABORATIVA

O Museu da Pessoa passa a explorar novas formas de ampliar a participação do público. Nasceram as coleções colaborativas.



Festa de casamento de Manuel R. Matheus e Jandira Frate Matheus, Limeira (SP), 1959



Orlando Cruz (de óculos) como testemunha do casamento civil de seu amigo Nelson Corrêa de Toledo. Igreja de São Judas Tadeu, São Paulo (SP), 1953



Casamento de Dilson Soares de Azevedo e Estherzita Faria de Azevedo. Muriaé (MG), 1958

Fotos do acervo, selecionadas pelas internautas Viviane Aguiar e Viviane Zandonadi para a sua coleção "Bolos de Noiva"

2017-2022 DA CURADORIA COLABORATIVA ÀS HISTÓRIAS DE VIDA COMO PATRIMÔNIO

As redes digitais fragmentaram a sociedade. A web 2.0 e as mídias sociais tornaram a pessoa um produto de consumo. A individualização, em vez de conectar pessoas, passou a agrupá-las em ilhas.

As fake news aprofundam o retrocesso político e social do Brasil, agravado pela pandemia de Covid-19.

O Museu da Pessoa torna-se aberto ao público 24 horas e atua para fazer com que as histórias de vida se tornem um instrumento de combate à intolerância.



Apolônio Leite da Silva no vídeo editado por Leonardo Pereira Flores para a Mostra audiovisual "Qual é o seu Legado?"

"Não tenho nada na vida, só a vida. E essa velha. E o filho, somente."
Apolônio Leite da Silva

A mostra audiovisual surgiu em 2020 como uma forma de ampliar os olhares sobre o acervo do Museu da Pessoa.



Tomando sol nas costas. Diário de Márcia Brito, dia 2/7/2020. Campanha Diários para o Futuro

A campanha Diários para o Futuro convidou o público a compartilhar seu cotidiano por meio de relatos digitais, com o objetivo de conectar pessoas e criar um acervo único sobre a pandemia, em 2020-2021.

"Nós estamos assim: presos, tomando sol através da janela."
Márcia Brito, 73 anos



Programa Conte Sua História
Ordalina Candido Felipe, 2019
Frame sobre tela com celular (reprodução)
Acervo Museu da Pessoa, São Paulo

"É importante que agora eu possa contar minha história, porque eu acho que se cumpriu uma parte dela. Eu consegui entender o que é a vida. O tempo passa, mas a gente relembra."

Ordalina Candido Felipe, São Paulo, 2019

A noção de que as histórias de vida de pessoas comuns podem ser parte da História tornou-se banal. No entanto, a pessoa deixou de ser um valor e se tornou um objeto de autoconsumo. A memória deixou de ser um esforço e os registros deixaram de ter significado. Qual será o futuro da memória? E qual será o papel da pessoa? O que se tornarão os museus?

O Museu da Pessoa continua sua jornada em busca do reconhecimento do legado de cada pessoa. Trabalha por uma sociedade mais justa, na qual toda e qualquer pessoa tenha o direito de ser reconhecida como patrimônio da humanidade. Assim, a história será contada por muitos e os museus do futuro serão as nossas vidas.

PEQUENO MANIFESTO DO MUSEU DA PESSOA

POR QUE VALE A PENA OUVIR, PRESERVAR E TRANSMITIR HISTÓRIAS DE VIDA

Não há uma história de vida igual a outra. Isso significa dizer que não há uma vida igual a outra. Imagine: 8 bilhões de vidas sobre a Terra. Nenhuma igual a outra. Cada uma com sua própria trama. Imagine. As vidas são únicas, assim como as formas de contá-las. Se pensarmos que cada pessoa pode construir muitas histórias sobre sua própria vida, isso resulta em 8 bilhões de vidas vezes inúmeras histórias, o que daria algo como infinitas histórias que pairam sobre a Terra.

Quantas delas escutamos? Quantas delas são escutadas? Algumas são narradas em família. Outras se tornam romances, autobiografias, filmes. Outras, muito poucas, terminam dando nome a alguma rua ou a um museu. E todas as outras? Digamos que cerca de sete bilhões novecentos e noventa e nove milhões de histórias nunca são nem serão conhecidas.

E daí? Que diferença isso faz? Estamos perdendo alguma coisa? O que muda, ou poderia mudar, se passássemos a prestar mais atenção nas histórias das pessoas que estão sobre a Terra? Não sabemos exatamente. Apenas sabemos que algo mudaria. Sabemos que algo certamente mudaria.

O Museu da Pessoa homenageia todos os museus que apresentam esforços humanos para dar valor às nossas vidas. Todos esses museus, assim como o próprio Museu da Pessoa, resultam de escolhas e de percepções de pessoas, grupos ou sociedades de que um certo objeto, um fato, um dado instantâneo na História vale ou valeu a pena. Todos eles valem a pena porque constituem traços de nossas experiências sobre a Terra. Experiências que são narradas, criadas, recriadas e narradas mais uma vez. E ainda muitas e muitas vezes mais. Experiências que valem não porque necessariamente mudaram o curso da história ou glorificaram um instante dela; mas apenas porque revelam nossas múltiplas humanidades.

VALE A PENA PORQUE

- Nenhum homem é uma ilha.
- Toda alma é um mundo inteiro e cada mundo desses mundos é diferente de todos os outros.
- Somos “irrepetíveis”, insubstituíveis e partes de um todo. Nenhum destino pode ser comparado a outro.
- Cada um de nós é como um elenco inteiro de personagens em um romance ou peça.
- Nenhuma situação se repete.

VALE A PENA PORQUE

- Os seres humanos, independentemente de sua tribo, de sua cultura, compartilham uma memória.
- A pessoa singular não é mais pesada que o grupo, tampouco o eu mais importante que o você ou o nós.
- Cada um deve ser infinitamente importante.
- Assim, quem quer que destrua uma única alma conta como se tivesse destruído um mundo inteiro; e quem quer que salve uma alma conta como se tivesse salvado um mundo inteiro.

VALE A PENA PORQUE

- O equilíbrio é alcançado quando todos são ouvidos.
- Ouvir é tão importante quanto falar.
- Ouvir pode mudar seu jeito de ver o mundo.

VALE A PENA PORQUE

- Um dia haverá em que as histórias, pequenas ou grandes, cheias de aventuras ou plenas de banalidades, sejam percebidas como parte de nosso patrimônio.
- Um dia haverá em que as histórias serão consideradas as pirâmides do Egito.
- E os museus do futuro serão, então, as nossas vidas.

VALE A PENA PORQUE

- Construimos a nós mesmos por meio das nossas histórias.
- Fabricar histórias é o meio para nos conciliarmos com as surpresas e estranhezas da vida.
- Ter sido é a mais segura forma de ser.

VALE A PENA PORQUE

- O ser humano é, e sempre será, O ser que decide o que ele é.

Este manifesto foi idealizado por Karen Worcman e conta com a generosa colaboração involuntária da Mishná e de Ailton Krenak, Amós Oz, John Donne, Orhan Pamuk, Sigmund Freud e Viktor Frankl

TUDO SER HUMANO BUSCA UM SENTIDO PARA A VIDA.
ESTE SENTIDO É O SEU LEGADO.

Os legados não são necessariamente materiais, podem ser compreendidos como valores, ações, sonhos, realizações cotidianas, traços que vamos riscando ao longo de nossas vidas.

QUAL É O
SEU LEGADO?

ANOTE SUAS REFLEXÕES

UM INSTANTE:

UM FEITO:

UM AMOR:

UMA ESCOLHA:

PESSOAS:

UMA INSPIRAÇÃO:

UM TRAÇO:

UM PROPÓSITO:

SESC - SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

Administração Regional no Estado de São Paulo

Presidente do Conselho Regional
Abram Szajman

Diretor do Departamento Regional
Danilo Santos de Miranda

Superintendentes

Técnico-Social **Rosana Paulo da Cunha** Comunicação Social **Aurea Leszczynski Vieira Gonçalves** Administração **Jackson Andrade de Matos** Assessoria Técnica e de Planejamento **Marta Raquel Colabone**

Gerentes

Artes Visuais e Tecnologia **Juliana Braga de Mattos** Estudos e Desenvolvimento **João Paulo Leite Guadanucci** Artes Gráficas **Rogério Ianelli** Sesc Bom Retiro **Monica Machado**

Equipe Sesc

Adriano Alves Pinto, Aline Tafner, Ana Emília de Paula, Ana Luísa Sirota, Dimas Coutinho, Elisson Dias, Geraldo Ramos Jr., Ian Herman, Jairo da Silva, Jefferson Bessa, José Lucas Gonçalves, Karina Musumeci, Larissa Meneses, Leandro Haruo, Mariana Lins, Mariana Thalacker, Mayara Rodrigues, Michael Anielewicz, Nilva Luz, Paulo Henrique Cavalcante, Suellen Barbosa, Tina Cassie, Vanusa Soares Souza, Wilson Villar

MUSEU DA PESSOA

Associados

Ana Wilhelm | Carla Nóbrega | Carlos Seabra | Carolina Misorelli | Celia Picon | Cláudia Leonor | Daniela de Rogatis | Elza Lobo | Fernando Von Oertzen | Heloísa Nogueira | Immaculada Prieto | Iris Kantor | José Matos | José Mauger | Karen Worcman | Luiz Egypto | Marcia Trezza | Maria Francisca Passos | Mauro Malin | Roberto da Silva | Rosali Nunes | Rosana Miziara | Sandra Sinicco | Sergio Ajzenberg (*in memoriam*) | Sônia London | Silvia Carvalho | Zilda Kessel

Conselho Consultivo

Alberto Dines (*in memoriam*) | Celia Picon | Danilo Miranda | Eliezer Batista (*in memoriam*) | Lisandra Alves | Octavio Barros | Paul Thompson | Paulo Nassar | Roberto da Silva | Tom Gillespie | Wellington Nogueira

Conselho de Gestão

Beatriz Azeredo | Carla Nóbrega | Gustavo Gonzaga | Tiago Lara

Conselho Fiscal

José Mauger | Leandro Salatti | Maria Francisca Passos

Comitê de Compliance

Cynara Reinert | José Mauger | Luiz Egypto | Maria Francisca Passos

Conselho Diretor

Karen Worcman | Daniela de Rogatis

Diretor Executivo

Marcos Terra

Museologia

Lucas Lara | Felipe Rocha | Renata Pante | Alex Avelino | Beatriz Alves | Davi Moyano | Fabiana Neves da Silva | Leonardo S. Sousa | Lupity Rossetto | Mathilde Rousseaux | Teresa Carvalho

Educativo & Colaboração

Marcela Lanza Tripoli | Sônia Helena London | Sofia Tapajós

Tecnologia e Inovação

Odilon Gonçalves

Relações Institucionais e Governamentais

Rosana Miziara

Mobilização de Recursos

Eduardo Valente | Pedro Carioca

Comunicação

Anna Bella Bernardes | Erik Allan Araújo | Isadora Catem Santos

Administração e Controladoria

Ricardo Vilardi | Allan Russo Fava | Anna Russier | Dalci Alves da Silva | Erika Viana Santos

Projetos

Renato Herzog | Rodolfo Yamamoto | Lucas Torigoe | Bruna Ghirardello | Cleiciane Alves | Fernanda Gomes | Genivaldo Cavalcante Filho | Grazielle Pellicel | Lourdes Alves de Souza | Luiza Gallo | Nataniel Torres | Sandra Lessa | Stéfani Dias Leite | Wini Sabino

Vidas Indígenas e Patrimônio Imaterial

Marcia Trezza | Jonas Samaúma | Aline Scolfaro | Angela Rangel | Edilzamar Serrano

EXPOSIÇÃO "QUAL É O SEU LEGADO?

30 ANOS DO MUSEU DA PESSOA"

Conceito e Curadoria Geral
Karen Worcman e **Lucas Lara**

Curadores Convidados
Vidas Indígenas | **Cristino Wapichana**
Vidas Negras | **Bel Santos Mayer**
Retratos do Brasil | **Diógenes Moura**

Pesquisa de Acervo e Apoio de Curadoria
Felipe Rocha, **Renata Pante**, **Mathilde Rousseaux**,
Teresa Carvalho, **Alex Avelino**

Facilitação de Processo Criativo
André Martinez

Produção Executiva
Claudia Amaral
Nós da Produção | **Alita Mariah** e **Cassia Rossini**

Projeto Expográfico
Marcelo Larrea
Flora Simon Gurgel, **Teresa Vicini Lodi**
[assistentes]

Concepção e Projeto de Audiovisual
Estúdio Preto e Branco | **Maurício Moreira** e
Luiz de Franco
Marlise Kieling, **Zeca de Castro**,
Sabrina Macedo, **Estúdio Next**,
Ricardo Rizzato, **Murilo Celebrone** [colaboradores]

Design Gráfico
Mariana Afonso

Impressão FineArt
Estúdio Kelly Polato

Grafismos Vidas Indígenas
Jaú (Júlia Ribeiro)

Fotografias
Diana Freixo | **Márcia Zoet** | **Adenor Gondim** |
Museu Paulista da USP | **Acervo Museu da Pessoa**

Edição de Histórias para o Catálogo
Luiz Egypto de Cerqueira

Edição de Podcasts
Regis Salvarani

Revisão
Sílvia Balderama Nara

Projeto Luminotécnico
Grissel Piguillem

Projeto de Tecnologia e Sistemas
Odilon Gonçalves
Leandro Almeida

Comunicação e Marketing Digital
Malka Digital | **Marina Abramowicz**

Assessoria de Imprensa
Buriti Comunicação | **Paula Corrêa**

Projetos de Engenharia
Murilo Jarreta

Montagem Fina
Gala

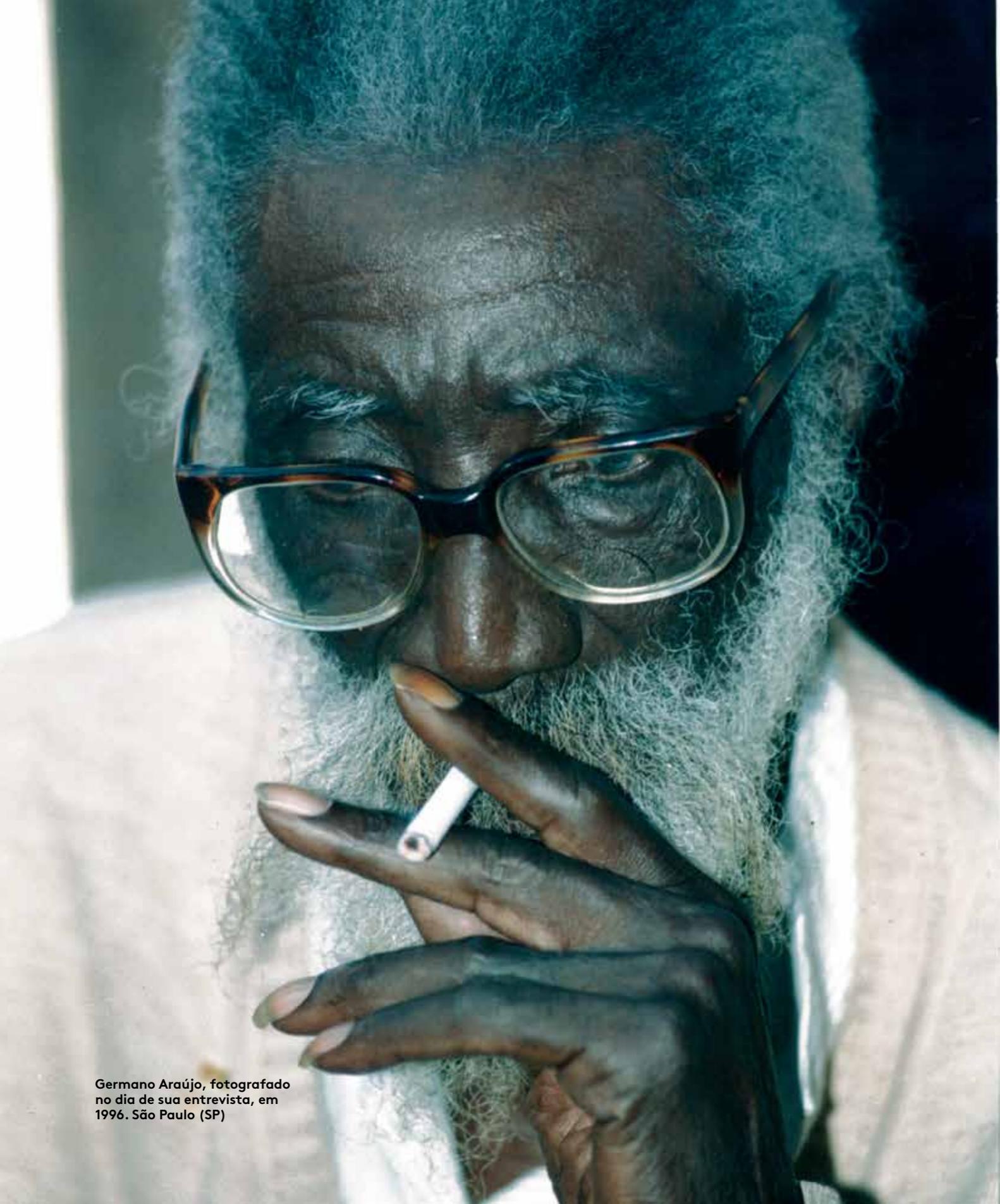
Ação Educativa
Talita Paes

Supervisão do Educativo
Iberê Souza de Oliveira

Educadores
Fabiane Goulart, **Gustavo Almeida Alves**,
Mateus Francisco Pedroso e **Sabre Fiorentino**

Créditos das Imagens do Catálogo

Ale Ruaro: p. 30 | Douglas Barcelos: p. 18 | Gabriel Gonçalves: p. 50 | Gustavo Amorim: p. 24 | Márcia Zoet: p. 26; 27; 40 | Marco Del Fiol: p. 14



Germano Araújo, fotografado no dia de sua entrevista, em 1996. São Paulo (SP)

PESSOAS CUJAS HISTÓRIAS E FOTOGRAFIAS FAZEM PARTE DA EXPOSIÇÃO "QUAL É O SEU LEGADO?"

NICHO VIDAS NEGRAS

Curadoria: Bel Santos Mayer

Entrevistas de: Edite Marques da Silva, Emanoel Araújo, Geni Guimarães, Girlei Luiza Miranda, Hélio Menezes, Lourdes Alves de Souza, Luis Guilherme Campos Santos, Maria de Lourdes Pereira dos Santos, Raquel Trindade, Romilda de Fátima Silva de Oliveira, Rosane Borges, Sueli Carneiro, Zinho Trindade

Entrevistadores: Ana Carolina Aguiar, Antônia Domingues, Day Rodrigues, Denise Cooke, Fernanda Marangon, Genivaldo Cavalcanti Filho, Jonas Samaúma, Karen Worcman, Lara Nacht, Marcelo da Luz, Márcia Ruiz, Rosali Henriques, Thiago Majolo, Wini Calaça

Fotografias de acervo de: Aduino de Assis Moreira, Adriane da Silva, Agenor Gomes, Antenor Francisco, Antonio Rodrigues Filho (Toninho Crespo), Cândido Rodrigues, César Gonçalves Santana, Claudio Pedro Barbosa Adão, Cristina Coutrim dos Reis, Daniela Alessandra dos Santos, Darley Ferreira Gomes, Dorival de Souza Santos, Egnalda Côrtes, Felipe de Souza Ormundo, Fernanda Santos de Paula, Francisco de Paula Vitor Pio, Germano Araújo da Silva, Girlei Luiza Miranda, José Bispo das Neves, Lourdes Alves de Souza, Marcia de Oliveira Ventura Felix, Marcos dos Santos, Maria da Silva Pinto de Albuquerque, Maria Aparecida da Silva Santiago (Cyda Baú), Maria Aparecida Amaral da Silva, Maria Aparecida da Silva Trajano (Tia Cida), Maria Helena dos Santos, Maria José de Souza Lima, Maria Lucia de Oliveira, Maria Tereza de Brito Silva, Moacir Carnelós Filho, Nilton Castro, Renato Justiniano de Loredó, Romilda de Fátima Silva de Oliveira, Rosane Borges, Semayat Silva e Oliveira, Sívio Guimarães Nascimento, Sueli Carneiro, Thais Cristina Bispo de Lima, Tula Pilar, Wagner de Oliveira Prado, Zilda Noronha Miné

NICHO VIDAS INDÍGENAS

Curadoria: Cristino Wapichana

Entrevistas de: Ailton Krenak, Alessandra Munduruku, Antônio Wilson Guajajara, Brasília Pripá, Braulina Aurora, Carlos Papá, Ian Wapichana, Inu Ibã Huni Kuin, Kaká Werá Jecupé, Kixti Huni Kui, Mapuãni Huni Kuin, Olívio Jekupé, Pagu Fulni-ô, Potyra Tupinambá, Samuel Lopes, Simão Oco'y, Sioduhi Piratapuya, Watatakalu Yawalapiti, Marinaldo Guajajara, Rosilene Guajajara de Souza

Entrevistadores: André Machado, Claudia Leonor, Cleiton França, Cristiano Guajajara, Edivan Fulni-ô, Êmerson Guajajara Santos, Idjahure Kadiwel, Janderson Guajajara, José Santos, Jonas Samaúma, Marc-André Delorme, Kerexu Isadora, Kerexu Mirim, Vitor Guajajara, Wera Kunumi

Fotografias de: Márcia Zoet, Diana Freixo

NICHO RETRATOS DO BRASIL

Curadoria: Diógenes Moura

Fotografias de acervo de: Aline Binns, Amara Moira, Cristiana de Souza Guerra, Cristiane Donizete da Silva, Daniela Rodrigues, Damaceno (Helena Silvestre), Denise Almeida da Silva, Eduardo Braga Goldenberg, Erich Burger Netto, Eva da Silva, Flavia Vieira, Igor William de Santana Lopes, José Eduardo Gonçalves, José Simão Sobrinho, Juraci dos Reis Vanin, Luis Guilherme Campos Santos, Luiz Fernando Lopes Marques, Manoel Neris de Almeida, Maria das Graças Nogueira da Silva, Maria de Lourdes Caldas Gouveia, Maria Paula Correia de Souza, Marina Lambertini, Mayara Reis Lopes, Meirice De Oliveira, Nair dos Santos, Narciso de Paula Santos, Nelson Zeglio, Olnei Martins de Lisboa, Philomena Ricciardi Alves dos Santos, Raimunda Cruz do Nascimento, Regina Helena Martins Affonso, Roberto Trabulsi, Robson Donizeti dos Santos, Rodolfo Loeper, Salomão Jovino da Silva, Samuel Silva, Tássia Ferraz de Camargo dos Reis, Valéria de Carvalho Costa

NICHO MUSEU DA PESSOA

Curadoria: Karen Worcman

Frases e fotografias de: Adriano Leite da Silva, Ailton Krenak, Alexandro Nascimento Genaro, Amyr Klink, Anna Maria Zammataro de Aguiar Pupo, Antonia Fogo, Apolônio Leite da Silva, Auro Lescher, Bartolomeu Campos de Queirós, Bel Santos Mayer, Carina, Cristino Wapichana, Cyda Baú, Danilo Santos de Miranda, Diógenes Moura, Domingas Coimbra de Souza, Edite Marques da Silva, Dulce Sardinha de Vasconcelos, Elifas Andreato, Emanuel Araújo, Fany Zlatkin Kessel, Geni Guimarães, Germano Araújo da Silva, Gilberto Dimenstein, Hélio Menezes, Idaliana Marinho de Azevedo, Izabel Mendes da Cunha, Jasmin Pinho, João Nawa, Juan Carlos Muzzi, Júlia, Laerte Coutinho, Leandro Francisco Ferreira, Luiz Alberto Mendes, Luiz Inácio Lula da Silva, Manoel Bezerra de Vasconcelos, Maria da Penha Brito, Maria dos Prazeres Campos dos Santos, Maria Florescelia, Maria Heloísa Picarelli Avancini, Maria José Reis dos Anjos Moniz Soares, Maria Mikaelian, Maria Tereza Montenegro, Mariana Araujo Gomes, Marius Vieira Gonçalves, Moriz Lax, Nando Reis, Neves Baptista, Neon Cunha, Neuza Guerreiro de Carvalho, Niède Guidon, Olga Cordoni, Pagu Fulni-ô, Paulo Freire, Pedro Cezar, Potyra Tupinambá, Rai de Oliveira, Rosa Fajersztajn, Rosa Maria Lopes, Samuel Avzaradel, Semayat Oliveira, Sérgio Vaz, Sioduhi Piratapuya, Sueli Carneiro, Tatiana Belinky Gouveia, Tula Pilar, Udde Rimoli, Valdete da Silva Cordeiro, Ziraldo Alves Pinto

Fotografias de acervo de: Adauto de Assis Moreira, Alberto Ferreira Brim d'Araújo, Aldo Vital Queiroz, Alexandre Takara, Alicia del Carmen Pedreros Plaza, Amara Moira, Ana Carolina de Andrade, Ana Karina Borges, Antonio Rodrigues Filho, Antonio Zanni, Aziz Riskallah Ibrahim, Brasília Pripá, Bel Santos Mayer, Benedicta, Gonçalves Pereira, Boruch Naschpitz, Carolina Galvão Reis, Clarice Herzog, Cleonice Eulália da Silva, Cristiana de Souza Guerra, Dilma Helena Nascimento de Souza Campos, Domingos Zago, Éder Flávio Barbosa, Éder Jofre, Egnalda Côrtes, Fábio Jr. Araújo de Lima, Felipe Eiterer do Carmo, Fernanda Santos de Paula, Flavia de Souza, Franciele Purcina do Nascimento, Gustavo Araujo Penna, Henrique Blank (Jechil Hirsz Blank), Honorina Sarges Pinto, Iara Galuchina Iañez, Ilson Carneiro de Oliveira Nawa, Inês Tavares, Irineu Braz Torrezan, Jalmir Matias de Oliveira, João Brasil Vita, João Nawa, José Bispo das Neves, José Carlos Rubino, José Cordeiro Neves, José Luiz Ramos de Carvalho, José Melquíades Ursi, Joyce da Silva Fernandes, Jucileide Macedo Dias, Juliana Caldas, Juraci dos Reis Vanin, Karin Gabriele Ribeiro Coelho, Laura Sales Magalhães Motta, Leandra Migotto Certeza, Leonardo Saralegui Balbino, Lin Jun, Lourdes Alves de Souza, Luciana Fleury Prado, Luiz Fernando Ruffato Souza, Maitê Lourenço Raimundo, Marcia Aparecida Florêncio Guerreiro, Márcia Clementino Nunes, Marconi de Albuquerque, Marcos dos Santos Maria Aparecida Amaral da Silva, Maria Cecilia Rios Furia, Maria das Graças Nogueira da Silva Maria de Lourdes Caldas Gouveia, Maria de Lourdes Tavares Herrmann, Maria José da Silva, Maria Regina Figueiredo Horta, Maria Stella Libanio Chisto, Maria Tereza de Brito Silva, Marina Lambertini, Marun Cury Reis, Masaji Yamaguchi, Maya Schneyder, Mayara Reis Lopes, Meirice de Oliveira, Natalie Rodrigues Gomez Santiago Solo, Nelma Cavassani Santos Marques, Nelma Rocha Santos Neon Cunha, Neyde Celeste Rossi Redorat, Nilza Cunha, Olga Cortes Rabelo Leão Simbalista, Ordalina Candido Felipe, Orlando Burgo, Pedro Bandeira Junior, Philomena Ricciardi Alves dos Santos, Raimunda Rodrigues Teixeira, Regina Helena Martins Affonso, Regina Tchelly, Renata Cristina Moreto Birello, Risomar Fasanaro, Roberto Rolim Andrés, Rosane de Lourdes Silva Vianna, Rosie Kriszhaber, Roza Bronstein, Rubens Vianna de Andrade, Rui Santiago, Sabrina Castro Santos, Sandra Georgete dos Santos Amorim, Sandra Regina Conceição, Selma Issa Gândara Vieira, Sérgio de Souza Santos, Sérgio Santo Gagliani Neto, Seu Antonino (Antônio dos Santos), Simone Pereira Assafin, Suely Aguilar Branquilha Montenegro, Tai Hsuan An, Valdirene Ferreira da Silva, Vasco José Faé, Vera Lúcia Ferreira de Assis Gomes, Vinicius Coimbra da Silva Souza, Zilda Noronha Miné

PODCASTS

Podcast: Pessoas - Vidas Negras

Entrevistas de: Bel Santos Mayer, Edite Marques da Silva (Dona Edite), Emanuel Araújo, Geni Guimarães, Hélio Menezes, Neon Cunha, Rosane Borges, Sueli Carneiro, Tião Carvalho

Entrevistadores: Day Rodrigues, Jonas Samaúma, Karen Worcman, Lucas Lara, Wini Calaça

Podcast: Pessoas - Mulheres que Transformam

Entrevistas de: Amara Moira, Juliana Caldas, Luciana Bruzadin, Luciana Quintão, Preta Rara, Regina Tchelly, Sabrina Castro

Entrevistadores: Regis Salvarani, Rosana Miziara

Podcast: Pessoas - Diversidade

Entrevistas de: Bia Diniz, Djalma Scartezini, Gregory Rodrigues, Igor William, Iran Giusti, Juily Manghirmalani, Larissa Cassiano, Malu Jimenez, Patricia Santos, Stephanie Borges

Entrevistadores: Genivaldo Cavalcanti Filho, Grazielle Pellicel, Mariana Casellato, Ricardo Pedroni



Raimunda Rodrigues Teixeira,
entrevistada em 2014 em Caucaia (CE)
Foto: Gabriel Gonçalves

QUAL É O SEU LEGADO? 30 ANOS DO MUSEU DA PESSOA

Visitação Gratuita

3 de dezembro de 2022 a 2 de abril de 2023

Terça a sexta, 9h às 20h

Sábados, 10h às 20h, domingos, 10h às 18h 

Agendamento de grupos

agendamento.bomretiro@sescsp.com.br

Sesc Bom Retiro

Al. Nothmann, 185

01216-000 | São Paulo | SP

↕ Luz | Tiradentes

(11) 3332.3600

    /sescbomretiro

sescsp.org.br